UNIDADE III

Estes homens e suas ideias... (1947-1973)

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- A bipolaridade ideológica entre Capitalismo e Comunismo
- A diversidade cultural e a alteridade social
- A dinâmica de conflitos e de valores sociais

ROTEIRO DE ESTUDOS

- SEÇÃO 1 - A Guerra Fria
- SEÇÃO 2 - A crise dos impérios coloniais europeus e o nacionalismo no Terceiro Mundo
- SEÇÃO 3 - A Anos 60: novos conflitos e valores sociais

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Em nenhum outro século da história humana os indivíduos e suas ideias pontificaram como na segunda metade do século XX. Uma extensa e variada galeria de personalidades que marcaram o mundo, a partir da II Guerra Mundial (1939-1945), poderia ser elaborada. E, sem dúvida, esta galeria de personagens reuniria homens e mulheres, jovens e idosos, governantes, líderes rebeldes, artistas, cientistas, escritores, filantropos, religiosos, militares, músicos, profissionais de talento, educadores, esportistas, entre muitos outros.

A biografia e as histórias de vida são abordagens estimulantes e recorrentes para a compreensão do mundo na segunda metade do século XX. Esta abordagem na pesquisa histórica permite identificar os laços entre os indivíduos e a sociedade em que viveram. O historiador deve reconstituir e recorrer às biografias não apenas para conhecer os talentos e a representatividade das pessoas. A biografia possibilita o acesso aos testemunhos privilegiados e, geralmente, ajuda a elucidar as sociedades e a vida social.

As fontes para pesquisa e a documentação de interesse para o estudo da história contemporânea depois da II Guerra Mundial são abundantes e variadas. Fotografias, memórias, relatos autobiográficos, letras de música e documentos escritos são algumas das possibilidades disponíveis ao conhecimento histórico. Alguns desses documentos foram escolhidos como portas de entrada aos fatos e problemas que marcaram a história do mundo no último meio século.

Em março de 1960, poucos meses depois do triunfo da revolução cubana, o fotógrafo Alberto Korda integrou a equipe de reportagem incumbida da cobertura de uma cerimônia oficial em Havana. Alguns anos depois, uma das fotos realizadas naquela ocasião tornou-se célebre e massificou a imagem de Ernesto Guevara de La Serna, conhecido como Che Guevara (1928-1967). É provável que essa seja a fotografia mais conhecida dos personagens do século XX.

A difusão desta fotografia de Korda é reveladora de alguns aspectos da história contemporânea. Ela nos sugere uma primeira indagação: qual a razão de haver tantas e tão variadas celebridades

Che Guevara em Havana, 1961. Autor: Alberto Korda. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Heroico1.jpg)o.

no século XX? Durante o século XIX e até a I Guerra Mundial (1914-1918), a atuação política estava centrada nos parlamentos e monarquias, nos indivíduos que representavam regiões e grupos sociais. No século XX, a ênfase da ação política deslocou-se desses protagonistas, homens de talento e porta-vozes de valores morais e éticos específicos, para a esfera dos partidos de massas e a propagação de valores sociais universais, como a democracia, os direitos civis, as políticas públicas e a ação do Estado. A orientação e a conduta pessoal foram progressivamente buscadas em novas referências, não apenas da política, mas também das artes, do esporte, das profissões liberais ou da religião.

Essa situação nos leva a uma segunda questão: a da força e o poder da imagem na comunicação social desse mesmo período. As inovações tecnológicas foram uma das características mais marcantes do século XX. Os meios de comunicação de massa, como fotografia, rádio, cinema, televisão e redes de relacionamento social, estas surgidas com a revolução microeletrônica, nas últimas décadas, fizeram do apelo visual a principal forma de linguagem e de comunicação entre as pessoas.

O poder de comunicação e de atração que determinados símbolos, imagens e perfis individuais possuem consiste no terceiro ponto que chama a nossa atenção. Trata-se, aqui, de perceber e de entender a emergência de um segmento da população no cotidiano

da vida social e política, os jovens. As gerações nascidas depois da II Guerra Mundial não viveram diretamente os horrores das batalhas, o medo, a destruição, a morte, a fome, a violência e o desamparo na Europa e na Ásia. Menos ainda nos Estados Unidos, uma vez que esse país não conheceu conflitos militares em seu território. Milhares de pessoas atravessaram a adolescência e a juventude em um momento de recuperação econômica, de revitalização das artes e da vida social, de prosperidade material e efervescência cultural. Os jovens tornam-se objeto de desejo e público alvo da sociedade de consumo, com produtos tipicamente voltados para a juventude, como roupas, alimentos, músicas e lazer.

Por fim, um quarto aspecto merece consideração. O pós II Guerra foi uma época de grandes mobilizações coletivas - etárias, sociais, nacionalistas, ideológicas – em que a personificação e a idolatria de indivíduos emblemáticos, capazes de encarnar a síntese destas mobilizações, criaram também um estranho paradoxo. A busca de identificação e de cristalização da imagem de pessoas que fossem autênticas expressões de atitudes, comportamentos, anseios e ideais coletivos.

A força emblemática de uma fotografia como a do Che reside também na confluência de dois movimentos de poder e de contra poder na década de 1960. A luta contra o colonialismo, a busca de autonomia política e a emancipação econômica na África, da América Latina e da Ásia foi um deles. O outro foi o confronto ideológico entre o capitalismo, sob a liderança norte-americana e da Europa ocidental, e o comunismo soviético, sob a liderança da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a URSS, que dividiu a política mundial pela chamada Guerra Fria, até 1989.

SEÇÃO 1
A GUERRA FRIA

Os seis meses seguintes ao término da II Guerra Mundial foram de expectativas políticas e de tensões diplomáticas. A divisão do território alemão em zonas de ocupação militar, sob o controle das potências vencedoras – EUA, Inglaterra, França e URSS – prenunciava divisões mais profundas na Europa. Em março de 1946, o Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha, Winston Churchill, em solenidade nos EUA declarou que uma "cortina de ferro" havia separado a Europa em duas partes: aquela controlada pelas potências ocidentais e a Alemanha oriental, sob controle da URSS. A rivalidade entre os antigos Aliados na derrota do Eixo dominou a cena política internacional até 1989. Um ano após a declaração de Churchill, o presidente norte-americano Harry Truman anunciou a decisão de agir em qualquer parte do mundo para deter a expansão do comunismo.

A expressão corrente na designação das relações internacionais, a partir de 1947, foi "Guerra Fria". Ao contrário dos conflitos anteriores, esta guerra seria travada sem destruição pelos bombardeios, invasões territoriais e ataques à população civil. Os anos da Guerra Fria foram marcados antes pela política de contenção, a crítica ideológica e moral, a inibição diplomática das ações entre as potências rivais, do que pela agressão militar entre elas. O trauma causado pelos anos de guerra na Europa, das ocupações japonesas no Pacífico e na Ásia oriental parecia o encerramento definitivo da época das guerras sangrentas. Foi a iniciativa norte-americana de lançar bombas atômicas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki que, arrasando as áreas urbanas e provocando uma carnificina nunca vista entre a população civil, selou o fim do conflito no oriente.

Em 1946, o jornalista John Hersey realizou uma reportagem sobre a bomba lançada em Hiroshima. Ele reconstituiu o dia e os efeitos seguintes à explosão a partir do depoimento de seis pessoas que sobreviveram a ela. Em 1985, Hersey visitou o Japão novamente, reencontrou seus entrevistados, completou a sua reportagem e publicou-a em livro. Agora ela recobria o enorme e triste prolongamento

do sofrimento, da dor e da destruição na vida dos *kibakusha*, aqueles indivíduos expostos à radiação da bomba atômica e que padeciam as sequelas da radiointoxicação. A incidência de leucemia, câncer, abortos e a esterilização reprodutiva tornaram-se as mais recorrentes. A destruição das cidades japonesas pela bomba atômica marcaria para sempre a memória mundial.

Nas décadas seguintes, a complexidade das relações internacionais revelou-se maior do que ao término da guerra, e a ameaça de armas nucleares assombrou a política mundial. Ainda hoje os arsenais atômicos estão disponíveis em muitos países. A energia nuclear também é adotada para fins civis em diferentes partes do globo, inclusive no Brasil. Os riscos de acidentes são grandes e perigosos, como demonstraram os vazamentos ocorridos em Chernobyl, na Ucrânia, em 1986. Em 2011, o terremoto que abalou o Japão afetou também a usina de Fukushima, provocando a contaminação radiativa dos solos, cidades, ares e do oceano Pacífico. Os efeitos desta tragédia nuclear na saúde da população e no meio ambiente ainda são imprevisíveis.

Em pouco tempo estava lançada uma corrida armamentista entre as grandes potências ocidentais e a URSS. Em 1949, este país anunciou que já detinha a tecnologia nuclear para fins militares e a produção da bomba atômica. Desde então, os europeus passaram a temer uma nova guerra, e a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), com fins militares, estratégicos e geopolíticos foi uma tentativa de recuperar a autoconfiança defensiva e assegurar o controle conjunto da Europa ocidental. A guerra da Coreia, iniciada em 1951, pareceu confirmar o receio e perpetuou a separação do país em duas nações: uma, comunista, ao norte; e a outra, capitalista, ao sul. Nas três décadas seguintes ocorreriam muitos incidentes diplomáticos, agravamento de tensões políticas e ideológicas, atos de espionagem, deserções e conflitos armados regionais. Em 1957, a Grã-Bretanha realizou testes nucleares visando à confecção da bomba, e a França faria o mesmo, em 1960.

O jornalista e escritor britânico George Orwell (1903-1950) traduziu em seus livros, crônicas e reportagens um estado de espírito ocidental, dominado pelo pessimismo quanto ao futuro da humanidade. A era nuclear, a persistência das guerras, ainda que

localizadas e distantes da Europa, o estrangulamento das liberdades individuais, a desconfiança das novas conquistas na tecnologia e nas ciências anunciavam sua presença constante e sua perpetuação parecia iminente e inevitável. Os dois livros de maior sucesso que escreveu foram críticas ao autoritarismo e a favor do socialismo democrático. *A revolução dos bichos* teve sua publicação em 1945, e *1984* foi publicado em 1948.

No primeiro livro, Orwell realizou uma sátira política aos rumos tomados pela revolução russa de 1917. Ambientado em uma fazenda, os animais domésticos expulsam o fazendeiro e assumem o controle da propriedade. Cavalos, carneiros e porcos tornam-se os protagonistas das ações, assumindo metaforicamente a condição do povo (carneiros), dos operários (cavalos) e dos governantes (porcos). Logo, a tirania e a opressão exercida pelos suínos tornam-se objeto de paráfrase, comparação e de crítica das ações humanas e da política na URSS.

Já no livro *1984*, a data que serve de título faz remissão ao futuro. A simples inversão do ano de publicação, 1948, remete para um momento de proximidade, sugerindo o alcance que os fenômenos narrados teriam na vida cotidiana dos leitores contemporâneos. Neste romance as relações internacionais estão dominadas pelas rivalidades entre grandes blocos territoriais de poder. O terror da guerra e da vigilância, sistemática e ininterrupta, tolhe qualquer perspectiva de realização individual e coletiva da liberdade. A tecnologia das comunicações, lançando tudo e todos sob o olhar do "grande irmão", e as armas e equipamentos de destruição possibilitariam a dominação e o controle político da sociedade pelos ditadores brutais e cruéis.

As duas guerras mundiais haviam descortinado os efeitos da destruição em massa que a corrida armamentista, os conflitos regionais e as sangrentas ditaduras tendiam a perpetuar, tornando inevitável o apocalipse e o fim das perspectivas de uma civilização racionalmente ordenada pela paz, a liberdade e os direitos do homem e dos povos. A ascensão contínua e permanente do desenvolvimento tecnológico em todas as áreas da vida humana, na geração de energia, transportes e comunicações, medicina, agricultura, ao contrário do que se supunha não resultavam automaticamente em harmonia social, abundância

econômica e racionalidade política. O impacto das inovações no campo das ciências e das técnicas, que tomaram impulso a partir de 1890, adquirira uma escala mundial, unificando os destinos e as ameaças comuns ao conjunto das nações.

George Orwell temia que a apropriação das ciências e da tecnologia pelos tiranos e as plutocracias solapassem totalmente as possibilidades da democracia e da vida livre no mundo. Sua experiência pessoal de estudante pobre, repórter e combatente fizera dele um incansável crítico da opressão em todos os lugares e de todas as tonalidades políticas sob a dominação colonial, imperialista, fascista e do comunismo.

A morte do dirigente soviético Josef Stálin, em 1953, assinala o fim da primeira Guerra Fria, de tensão extrema. Até 1954, a hipótese da guerra nuclear ainda podia ser considerada. Na segunda metade da década o equilíbrio militar entre potências afastou a possibilidade de novo conflito, anunciando aquela que seria considerada uma era da "coexistência pacífica" dos mundos capitalista e comunista.

Os países comunistas do leste europeu reuniram-se em uma aliança militar em 1955, o Pacto de Varsóvia. No ano seguinte, o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética denuncia o culto à personalidade de Stálin e critica duramente atitudes administrativas, econômicas e sociais, ocorridas durante o período em que ele liderou a URSS. As perseguições políticas e a repressão policial foram condenadas e consideradas incompatíveis com os novos tempos de paz e prosperidade para o bloco socialista. Em pouco tempo, sinais de insatisfação política no mundo do socialismo eclodiriam na Alemanha oriental, na Polônia, Tchecoslováquia e Hungria. Duramente reprimidas, simbolizaram a agonia da autonomia nacional, da democracia política e das liberdades individuais no leste europeu.

O ponto culminante da Guerra Fria ocorreu no início da década de 1960, quando novas tensões abalaram a diplomacia mundial. A mais emblemática foi a construção do muro que dividiu a cidade de Berlim e a vida familiar e social dos alemães, em 1961. O muro também separou, metaforicamente, os hemisférios, anunciando uma coexistência vigilante e separada, entre os habitantes do mundo ocidental capitalista e o comunismo soviético. Naquele mesmo ano,

houve a ruptura de relações diplomáticas e políticas entre a URSS e a China, dado as divergências entre suas estratégias de desenvolvimento econômico e de condução política do socialismo. Em 1964, a China anunciou sua tecnologia para a bomba atômica. Dez anos depois, a Índia seria a nova potência nuclear no globo.

Em 1962 a URSS tornou-se a maior potência militar, pelo orçamento, o contingente das tropas e o potencial de seu armamento. A sua economia organizava-se, prioritariamente, para a produção militar. Esta superioridade bélica transbordou para a política quando, em outubro de 1962, começaram a ser instaladas bases militares e mísseis de médio e longo alcance em Cuba. Estes eram suficientes para um ataque ofensivo, podendo alcançar grandes cidades dos EUA em menos de 15 minutos. O episódio ficou conhecido como a crise dos mísseis. O bloqueio naval e militar a Cuba, promovido pelas forças armadas norte-americanas, elevou a tensão política ao risco de confronto entre as potências.

A Guerra Fria tocava o solo do continente americano. Em 1954 ocorreu a derrubada do presidente da Guatemala, Jacobo Arbenz, eleito em 1950, e que adotara um programa nacionalista e reformista, expropriando terras de empresas norte-americanas. O golpe de Estado contou com o apoio da CIA, a agência americana de inteligência, e resultou em sangrenta ditadura naquele país. Cinco anos depois, a revolução cubana triunfou em janeiro de 1959. Distante do comunismo, também adotara um ideário reformista, nacionalista e democrático. As ingerências norte-americanas levaram ao rompimento das relações diplomáticas de Cuba com os EUA, em janeiro de 1961. Três meses depois, houve uma tentativa fracassada de invasão da ilha por soldados mercenários, na baía dos Porcos. Este episódio acelerou a aproximação diplomática, política e militar de Cuba com a URSS e que abriria a maior ferida da Guerra Fria, a mencionada crise dos mísseis.

Nos anos seguintes, a Guerra Fria vitimou os regimes democráticos na América Latina. Brasil, Chile, Argentina, entre outros, padeceram ditaduras militares, violenta repressão política com a prisão, tortura, exílio, morte e desaparecimento de críticos opositores e, não raro, de muitos inocentes.

SEÇÃO 2
A CRISE DOS IMPÉRIOS COLONIAIS EUROPEUS E O NACIONALISMO NO TERCEIRO MUNDO

Na segunda metade do século XIX, houve a segunda onda de expansão da Europa sobre o globo, motivada pela conquista territorial em todos os continentes, a disputa pelo controle de mercados fornecedores e consumidores e o prestígio nacional na política mundial. Esse foi um novo período, de mudanças estruturais nas sociedades e no equilíbrio internacional, movido pelo incremento populacional e da produtividade econômica.

A capacidade da produção industrial inglesa alcançara tal envergadura que, já em 1873, conheceu a primeira grande crise de superprodução. Aquela década marcou o início da era do aço, da eletricidade e do petróleo, da indústria química e farmacêutica, e sucedeu ao momento imediatamente anterior, a era do carvão e do ferro. Vinte anos depois seria construída a primeira usina hidrelétrica, no estado norte-americano do Colorado, e o mosquito foi identificado como transmissor da malária, esse poderoso obstáculo à presença européia em áreas tropicais.

A ocupação de territórios e áreas estratégicas com recursos naturais como borracha, minérios e solos férteis acirrou a concorrência entre as nações da Europa na formação de impérios coloniais, sobretudo em terras africanas e asiáticas. Inglaterra, França, Holanda, Alemanha, Rússia, Bélgica e Itália disputaram e cobiçaram mutuamente as respectivas colônias, criando uma dinâmica nas relações internacionais conhecida como o imperialismo. A rivalidade econômica e o fortalecimento geopolítico e militar desses impérios alcançaram escala planetária e forneceram o combustível retórico para a I Guerra Mundial.

Efetivamente, foi apenas com a II Guerra que foram rompidos, na prática, os elos coloniais da Europa nos outros continentes. O governo francês no exílio, resistente à ocupação alemã, proclamava, em 1942, a necessidade de novas relações coloniais, como medida para assegurar o apoio das suas colônias no combate às tropas nazistas. O fim do conflito mundial colocou em pauta também a necessidade da abertura de mercados para a produção agroindustrial norte-americana, que estivera

voltada para o esforço de guerra. Agora era preciso organizar a economia da paz. Não havia mais lugar para os antigos monopólios comerciais e financeiros.

O fim dos impérios coloniais tornou-se uma realidade cotidiana. Havia também a incapacidade material das nações europeias, arrasadas pelo conflito mundial, em perpetuar o domínio e a condenação moral da opinião pública à exploração colonial, incompatível com a luta pela liberdade que se travara nos anos de guerra. Se, por um lado, existiu essa consciência da impossibilidade de sustentar os impérios coloniais, por outro, sem a revolta dos povos da África e da Ásia, contra o domínio ocidental, não haveria a extirpação da secular administração e exploração europeias. Somente em 1975 seriam liquidados os últimos resquícios do colonialismo europeu do século XIX, com a independência das antigas colônias portuguesas na África: Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe.

Há um paradoxo nesse processo de emancipação das antigas colônias: para sobreviverem como estados nacionais e independentes, os novos países recorreram aos métodos ocidentais de administração política, econômica e social. A europeização foi vista como a porta de saída do colonialismo. O socialismo representava uma possibilidade concreta de mudança, progresso social e econômico em países pobres que, pela planificação da economia e a ação do Estado, poderiam superar as condições herdadas dos colonizadores e alcançar a emancipação nacional.

Em 1955, 29 países recém-independentes reuniram-se na conferência de Bandung, na Indonésia. Procuravam traçar os rumos e alcançar a unidade e a solidariedade pela libertação econômica e política. A reconstrução econômica da Europa e a expansão industrial nos EUA e na URSS criaram novas e maiores demandas por matérias-primas e gêneros tropicais em todo o globo. Ao proclamarem a decisão de trilhar seus próprios caminhos, afastando-se das disputas ideológicas e militares das duas grandes potências, esse bloco de países reivindicava identidade própria e seria denominado o Terceiro Mundo. A expressão é inadequada, pois unificava as realidades heterogêneas da África, Ásia e da América Latina. O filósofo francês Jean-Paul Sartre procurou encarnar a consciência européia sobre o anticolonialismo. Suas palavras e ações

eram de apoio e difusão dos movimentos políticos e sociais como o da negritude, que buscava dar expressão cultural aos povos colonizados na poesia, nas artes e na música.

A Organização das Nações Unidas - ONU, criada em 1945, procurava minorar a distância entre países ricos e pobres e manter um ambiente internacional de paz, diálogo e cooperação. Para isso recorria ao trabalho de comissões técnicas especializadas e à elaboração de relatórios sobre a situação planetária na saúde, educação, cidades, comércio e agricultura, desigualdades sociais e condições de vida da infância, de jovens e mulheres.

Foi nesse espírito de atuação mundial e colaboração entre as nações que a UNESCO, Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, desencadeou na década de 1950 um debate contra o racismo e os preconceitos, promovendo a crítica científica e a condenação moral da noção de "raça". O antropólogo Claude-Lévi-Strauss foi um dos profissionais especializados que recebeu o convite e que atuou com ênfase nesse debate. Em 1952, ele publicou o ensaio "Raça e História" e procurou explicar que a diversidade das culturas não pode ser compreendida a partir das ideias raciais e pelas concepções evolucionistas da história. Lévi-Strauss criticou as formulações teóricas e os autores que buscavam traçar uma linha de mudança social progressiva, dentro da qual as "culturas primitivas" constituiriam a base inicial do desenvolvimento da história humana.

As ideias de Lévi-Strauss despertaram muitas paixões e interesses. Em sua opinião, era necessário distinguir entre doutrina e atitude racistas. O racismo doutrinário mobilizara multidões na carnificina das guerras. Ele estabelecia hierarquias sociais e biológicas, criando ideias de inferioridade de determinados grupos, propondo a classificação supostamente científica destas hierarquias, legitimadoras da dominação e da exploração de distintos contingentes populacionais (negros, indígenas, judeus, ciganos). O desenvolvimento das pesquisas científicas, particularmente da antropologia física e cultural e da genética, sepultou definitivamente as premissas intelectuais do racismo doutrinário.

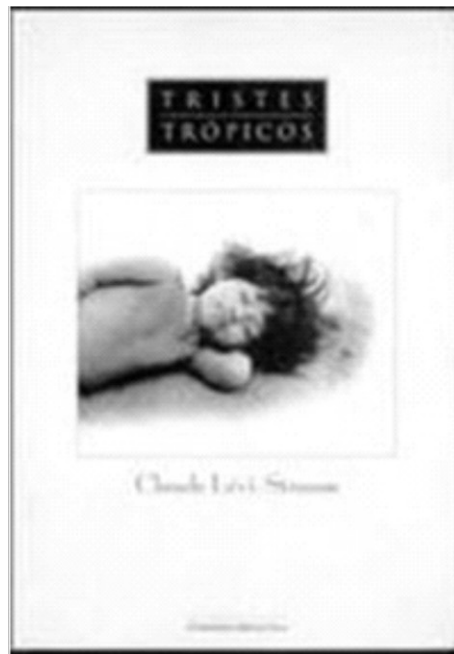
O racismo como atitude social de rejeição ao outro e da diferença perdura ainda hoje. Foi contra ele que Lévi-Strauss investiu nos anos subsequentes, quando, no início da década de 1970, a UNESCO voltou a

avaliar as manifestações de preconceito. Em 1952, o antropólogo rejeitara a ideia do progresso linear das culturas, demonstrando não haver nenhuma relação de causalidade entre raça e desenvolvimento técnico e cultural. Vinte anos depois sua ênfase analítica e explicativa recairá sobre a ideia mesmo de cultura. São as culturas, dirá, que intercedem nas representações biológicas, no corpo, na alimentação, no tratamento das moléstias, nas técnicas, nos artefatos, na estética e nos valores, nos simbolismos mais variados.

A diversidade das culturas guardava, ainda, desafios intelectuais. Claude Lévi-Strauss apontava a dificuldade em pensar essa diversidade. As culturas, como forma de distinção e de afirmação social, encerram uma enorme complexidade de compreensão, imposta pela necessidade imperativa da passagem do sentir ao pensar, do olhar crítico distanciado. O simples esclarecimento científico não bastaria para refutar as manifestações e atitudes de preconceito e discriminação. Tornava-se necessário também conhecer e aceitar a diferença, observando uma igualdade relativa e a distância física que existiria entre as culturas. No limite, dirá Lévi-Strauss, o racismo era derivado da relação que os homens estabeleciam não apenas entre si, mas também com as demais espécies vivas do planeta. O distanciamento e o isolamento contínuos que as sociedades ocidentais promoveram da natureza fundamentavam o seu característico etnocentrismo, o valor absoluto que atribuíam à cultura do ocidente perante as demais.

Somente uma comunicação fraternal entre as culturas será capaz de preservar a sua diversidade do planeta. Para tanto há que se protegerem também os conteúdos próprios dessa diversidade - ambientais, afetivos, religiosos, simbólicos - que respondem pela multiplicidade de valores subjetivos e estéticos da humanidade. Atualmente, as políticas de defesa e de valorização do patrimônio mundial da humanidade, material e imaterial, cultural e natural, são tentativas para assegurar as manifestações da diversidade dos diferentes povos.

O estudo da história contemporânea não pode prescindir do exame dos contatos interétnicos entre os europeus e os povos não-europeus. A complexidade da história contemporânea revela-se neste objeto de estudo, que não pode ser reduzido à história das colonizações ou à do Terceiro Mundo. A história de países como os Estados Unidos está vinculada ao

colonialismo europeu, mas não à formação do Terceiro Mundo. Uma vez mais, a história contemporânea demanda uma abordagem em escala mundial, definida pelas mudanças políticas e historiográficas. As mudanças políticas representadas pelo declínio da Europa, pelo fim do colonialismo e a ascensão de novas potências mundiais após 1945. E também as mudanças ocorridas nas práticas do conhecimento histórico, a partir daquela mesma data. As inquietações metodológicas dos historiadores abriram espaço para investigações da vida social e econômica dos segmentos populacionais, como crianças e a família, as mulheres e as relações de gênero, os pobres e os seus modos de vida (como alimentação, técnicas e as expressões da cultura).

Capa da edição brasileira de Tristes trópicos, de Claude Lévi-Strauss.
(Fonte: editora Companhia das Letras, 1996)

Esses novos interesses da historiografia promoveram a valorização de outros documentos escritos e de fontes não-escritas. Os livros de memórias, entrevistas e depoimentos orais, a cultura material, o estudo dos simbolismos e das imagens, a necessidade de conhecer outros idiomas e as civilizações milenares tornaram-se opções e necessidades no trabalho de historiadores e das demais ciências sociais.

SEÇÃO 3
A ANOS 60: NOVOS CONFLITOS E VALORES SOCIAIS

Na década de 1960 houve uma profusão de movimentos sociais decorrentes das mudanças econômicas e sociais nos anos pós-guerra. As novas gerações chegavam às universidades e ao mercado de trabalho, surgiram movimentos de rebeldia, inconformismo e de contestação aberta de uma realidade considerada hostil e sufocante. A mobilização da sociedade, sobretudo no ocidente, ganhou expressão em dois processos interligados: a participação política e a manifestação cultural.

Nos EUA a rebeldia juvenil foi crescente na crítica e na oposição à participação na guerra do Vietnã, empolgando a opinião pública mundial, já sensibilizada pelo mal- estar criado com a repressão soviética aos anseios e medidas reformistas na Tchecoslováquia, durante a Primavera de Praga, em 1968. Em maio e junho desse mesmo ano, em Paris, Nanterre e outros centros universitários da França, os estudantes ocuparam faculdades e saíram em passeatas pelas ruas para expressar indignação contra procedimentos repressivos e autoritários vigentes na política, na vida cotidiana, no ensino e no trabalho. Manifestações semelhantes ocorreriam em prestigiadas universidades norte-americanas, como em Berkeley e Columbia. Acontecimentos como esses contribuiriam para fecundar outros campos de atuação social dissociados das instituições políticas e dos padrões estéticos e morais estabelecidos.

O lema "Paz e amor" podia ser representado e transmitido pelo simples ato de erguer as mãos com os dedos em forma de V. O gesto correu o mundo, pois permitia a comunicação livre, rápida e direta, superando as distâncias físicas, sociais, etárias e idiomáticas. A busca de liberdade pelas novas gerações se fez na adoção e na difusão de valores alternativos. Nas sensações como o paladar, pela pureza e o teor nutritivo dos alimentos; em outras sensações corporais, pelo visual alegre, descontraído e colorido de roupas, adereços e cabelos; pela dança e a música; na sensualidade dos gestos, como caminhar de mãos dadas, beijos e abraços em locais abertos e públicos e o sexo antes do casamento. A independência das mulheres na vida social e econômica é considerada um fenômeno de maior importância nas mudanças da sociedade ocidental e do estilo de vida no pós-guerra.

O mercado rapidamente converteria essas atitudes e comportamentos sociais em mercadorias, adaptando-os a novos sentidos de juventude, ao hedonismo, à liberdade de escolha e às ditaduras da moda, do estilo e do consumo, como demonstrou o historiador Nicolau Sevcenko. A produção em massa transbordou dos ramos tradicionais da economia para as condutas individuais e os bens e serviços culturais. O sucesso de conjuntos musicais e astros do rock foi o sinal mais visível desta apropriação da cultura alternativa pelo mercado. Os números de vendagem de discos e ingressos para apresentações dos Beatles, por exemplo, eram indicativos da popularidade e do apelo comercial que desfrutavam, sobretudo entre os jovens nas grandes cidades.

Posteriormente, essa foi a tendência dominante no mercado fonográfico e na mídia cultural, transformada em fontes de comercialização, investimento e do consumo de massas. A conversão de comportamentos e de ícones sociais em mercadorias alcançou também a política. Tal apropriação mercantil torna compreensível a difusão da foto que Alberto Korda fez de Che Guevara. Nela, o líder guerrilheiro apresenta o semblante jovem, determinado, libertador, despojado e guiado por valores espirituais conflitantes com a ordem social do mundo capitalista e comunista, nas décadas de 1960 e 1970. A força e o apelo dessa imagem permaneceram, prolongando-se até os nossos dias.

O lugar destacado que a mídia passou a ocupar na sociedade contemporânea e o papel crescente que desempenharia na vida social e política seriam captados, com argúcia, pelos líderes dos movimentos de contestação da década de 1960. Uma das características deste comportamento foi a sua escala social mundial, ultrapassando as fronteiras geográficas e de regimes políticos entre as nações. A expansão urbana, a industrialização crescente, o maior acesso à educação e a massificação das expressões artísticas e culturais, a partir de 1945, deram origem a grupos e camadas sociais comuns a vários países. Esse fenômeno podia ser observado tanto nos países economicamente fortes, como a Europa ocidental, os EUA e o Canadá, quanto naqueles em que o desenvolvimento e modernização econômica tomavam impulso recente na América Latina e Europa oriental. Movimentos contestatórios surgiriam também no Brasil, México e Argentina. No bloco soviético, eles despontaram naqueles países que possuíam tradições políticas e culturais mais arraigadas, como a

Polônia, a Hungria e a Tchecoslováquia. Nestes países ocorreram protestos e movimentos reformistas que afrontaram a URSS e o domínio político, diplomático, ideológico e militar que Moscou impunha ao leste europeu.

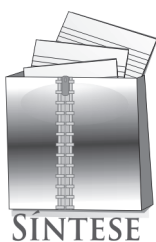
As incessantes inovações tecnológicas nos meios de comunicação e dos transportes, somadas ao incremento do comércio internacional, ampliaram as possibilidades de uma militância mundial em torno dos problemas comuns da sociedade humana, como as guerras, ameaças nucleares, feminismo, amor e sexualidade, juventude, consumo, alienação, busca de felicidade e bem-estar, a ecologia. Uma nova agenda de valores e de reivindicações sociais foi despontando e, não raro, transbordava os programas dos partidos políticos convencionais, quase sempre voltados aos problemas locais regionais e nacionais. O surgimento dos partidos verdes na Europa procurava, por um lado, canalizar esses novos anseios e, por outro, contornar as limitações que as práticas partidárias e institucionais vigentes impunham a eles. Em meados dos anos 1970, sobretudo com a informática, as inovações tecnológicas permitiriam uma transfusão da ação política que se realizava predominantemente nas ruas e nos gabinetes para as telas da TV, dos computadores e dos telefones portáteis, consecutivamente. Não é casual que ativistas e militantes dos anos 60, sensíveis a tais transformações ou atuando profissionalmente nos meios de comunicação social, tenham operado essa transposição com habilidade e eficácia política.

Foi essa correspondência precisa entre a mídia e a política que assegurou o diálogo e a vinculação entre as novas gerações, grupos e valores sociais que ganharam maior visibilidade pública, a partir das décadas de 1970 e 1980: ambientalistas, vida alternativa, feminismo, pacifismo, amor livre. O traço distintivo entre eles era precisamente a ausência ou a fragilidade de seu poder, dado a sua própria condição social enquanto jovens, mulheres, idosos, discriminados, sexualmente diferentes, migrantes, estrangeiros. No Brasil, a disseminação de uma expressão vocabular unindo tecnologia e escala mundial traduziria rapidamente esse novo estado de espírito da sociedade: "antenado". O indivíduo "antenado" estava *ligado* no mundo e *sintonizado* na realidade atual, tanto pelas transmissões de rádio e de televisão por satélites, quanto pela leitura de livros, jornais e revistas alternativas e independentes que circulavam paralelamente aos grandes veículos de comunicação de massa.

Os participantes dos movimentos de 1968, na Europa e fora dela, encontraram nas obras do filósofo alemão Herbert Marcuse (1898-1979) uma fonte de inspiração. Militante socialista na juventude, autor de estudos teóricos sobre o marxismo e as lutas sociais, ele buscou refúgio nos EUA com a ascensão do nazismo e a guerra europeia. Marcuse foi, ao lado de Adorno e Horkheimer, um dos expoentes intelectuais da chamada Escola de Frankfurt, movimento intelectual que procurou realizar a crítica do capitalismo no século XX e dos projetos políticos do marxismo. Sua expressão política cresceu nas décadas de 1960 e 1970, devido às suas análises sobre a tecnificação da cultura, o autoritarismo e burocracia na sociedade contemporânea. No exame da alienação e das condições do trabalho humano aproximou-se da psicanálise de Freud e assinalou o potencial libertador que restava na dimensão estética das artes e da literatura mesmo sob o capitalismo. Seu livro dedicado à ideologia da sociedade industrial, publicado em 1964, encerrava-se com uma citação do filósofo alemão Walter Benjamin, morto em 1940: "Nossa esperança só pode brotar dos que não têm esperança". Em maio de 1968, a frase reapareceria nos grafites que eram espalhados pelas ruas, muros e paredes nas cidades francesas.

A contestação política nos anos de 1960 e 1970 esteve marcada pela resistência e a recusa em aceitar a diluição dos indivíduos nas grandes organizações sociais, como os órgãos estatais, empresas, partidos, serviços públicos, escolas e universidades, no mercado de consumo de massa e nas rotinas burocráticas dominadas pela técnica no âmbito do trabalho e das relações interpessoais. Desta atitude resultou a valorização do individualismo e a renúncia aos valores, as necessidades salariais e materiais, de bens e mercadorias, padrões de comportamento e de existência universalmente observados, idealizados e propagados pelas sociedades industrializadas.

A riqueza, a prosperidade econômica, a abundância e a elevação do nível educacional e cultural também foram responsáveis pela explosão da revolta moral e a contestação social a partir da década de 1960. A reação ao modelo opressivo em que se davam as relações familiares, profissionais, econômicas e políticas assumiu feições antiautoritárias e antiutilitárias, como empregos, salários, consumo e posição social entre as novas gerações. Onde houvesse norma e autoridade, deveria haver contestação

à ordem. Não causa estranheza que tenha surgido no meio universitário o estopim da revolta. Instituição tradicional e hierárquica, a universidade era também o espaço da crítica social e política, da liberdade de expressão e de manifestação do pensamento. A transposição para fora dos muros das faculdades logo esbarrou com a solidez de outras instituições públicas e privadas, mais conservadoras e guardiãs da ordem estabelecida: as forças armadas, os partidos, o governo nacional e a mídia.

No período compreendido entre 1947 e 1973 foram definidas muitas das características do mundo atual. Houve a consolidação de instituições políticas e sociais, a produção econômica a partir de insumos bastante diversificados, com distintos métodos de administração do trabalho e de redistribuição da riqueza, como o socialismo, a social-democracia e o liberalismo. Os valores e ideais que sustentaram essa sociedade tiveram alcance mundial e encontraram em homens e mulheres a determinação para aprofundar e para contestar padrões materiais da vida, de governo e de condutas individuais. Guerras, revoluções, passeatas, música e literatura, as lutas pelos novos direitos preenchem a cronologia de acontecimentos no pós II Guerra Mundial. A valorização das dimensões individuais da vida, a partir dos anos 60, estimulou a elaboração de biografias, livros de memórias, depoimentos e entrevistas, tanto como abordagem no conhecimento histórico quanto na indústria cultural.

Filmes

● *Diários de motocicleta*. Direção de Walter Salles, 126 minutos, 2004. Reconstitui a viagem que o jovem Guevara realizou pela América Latina e que fez despontar nele sentimentos de solidariedade diante da opressão social, a pobreza e a dominação política.

● *O homem elefante*. Direção de David Lynch, 119 minutos, 1980. Os horrores da exploração comercial sofrida por um rapaz que possuiu o corpo deformado e é exibido em circos no século XIX.

● *Bye bye Brasil*. Direção de Carlos Diegues, 105 minutos, 1979. Artistas mambembes percorrem o norte e o nordeste do Brasil, acompanhando as transformações vividas no país na década de 1970.

● *A batalha de Argel*. Direção de Gillo Pontecorvo, 115 minutos, 1965. A luta da guerrilha argelina pela independência e a ação repressiva desencadeada pelas forças armadas da França criam clima de medo, terror e violência contra a população e os militantes políticos na Argélia dos anos 1960.

Fotografia

● *Cuba por Korda.* Trad. N. V. Cassiolato. São Paulo. Cosac Naïf, 2004 (organização Christophe Loviny).
● *La primavera de París.* Madrid: Aguamarina, 1995.

Livros

● LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
● MATOS, Olgaria C. F.. Paris 1968: *as barricadas do desejo*. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1989.
● ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ATIVIDADES

Aqui estão propostas duas atividades de leitura e análise de registros de época. Leia os documentos selecionados e procure interpretar os conteúdos e significados a partir do que estudou e dos textos da Unidade III - Estes homens e suas idéias... (1947-1973).

Conheça a lei federal sobre ensino de história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas. Identifique no texto da lei elementos que caracterizem a valorização da cidadania e da diversidade cultural no Brasil.

Lei 11.645, de 10 de março de 2008:

"O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1o O art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 26-A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras."

Art. 2o Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187o da Independência e 120o da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Leia alguns dos grafites de maio de 1968 na França. Faça um exercício de identificação de novos valores, grupos sociais e personagens – por exemplo: autonomia, autoridade, disciplina, submissão, uniformidade, liberdade, indivíduo, opressão, recusa, exclusão –, presentes nos dizeres, aqui traduzidos livremente:

Chega de igrejas!

Parem o mundo que eu quero descer!

Esqueça tudo o que aprendeu e comece a sonhar.

A felicidade é uma ideia nova em Ciências Políticas.

Não me liberte! Eu me encarrego disso.

Os limites impostos ao prazer incitam ao prazer de viver sem limites.

Proibido proibir.

Fonte: *La primavera de París.* Madrid: Aguamarina, 1995.